

AVENIDA MANUEL DIAS DA SILVA

Lei nº 1405 de 11-11-1955

Formada pela avenida 1 do Jardim São José

Início na rua General Lauro Sodré

Término na rua 24 de Maio

Jardim São José

Vila Industrial

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Antonio Mendonça de Barros.

MANUEL DIAS DA SILVA

Manuel Dias da Silva nasceu na Freguezia de Sobrado, Concelho de Valongo, Distrito do Porto, Portugal, em 11-maio-1862 e faleceu em Campinas, em 21-fevereiro-1954. Era filho de Joaquim Dias da Silva e Maria André dos Santos. Foi casado e teve cinco filhos e adotou mais dois. Português de nascimento, mas brasileiro de Campinas de coração, Manuel Dias veio para o nosso país em 1895, radicando-se, desde então, no bairro da Vila Industrial, que naquela ocasião, tinha tão somente as oficinas da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, ainda hoje ali estabelecida à rua Sales de Oliveira. Manuel veio aqui para encontrar-se com seu irmão Augusto. Ambos montaram um serviço de transporte por carroças e algum tempo depois, adquiriram alguns terrenos nas imediações de onde moravam. Mais tarde a Mogiana comprou os lotes dos irmãos, pagando um bom preço, permitindo aos irmãos Dias da Silva acumular um bom dinheiro. Passaram então a construir e vender casas. Era o ano de 1902. Formaram uma vila com trinta casas, hoje conhecido como Beco Manoel Dias, cujas casas eram alugadas ou vendidas a preços irrisórios, permitindo aos ferroviários humildes da Mogiana a comprarem seus imóveis, cujo pagamento era a perder de vista. Mais dois irmãos de Manuel e Augusto vieram para Campinas: Alberto e Belmiro, que juntos continuaram a construir para alugar ou vender, na Vila Industrial e outros pontos como na avenida João Jorge, na rua General Osório, etc. Sempre em condições propícias aos trabalhadores. Não se restringiram à construção de casas. Manuel dispôs de um imóvel seu, à título gratuito, para a instalação da primeira escola do bairro, cooperando, outrossim, para a construção do então 5º Grupo Escolar de Campinas. Foi em sua casa que também se instalou a primeira capela do bairro, mais tarde substituída pela Matriz de São José, que contou com a importante participação de Manuel para sua construção. Colaborou e participou de todas as iniciativas no bairro, sua querida Vila Industrial, quer no campo religioso, social e esportivo. Ocupou elevados cargos nas instituições e sociedades ligadas à colônia portuguesa e por seu espírito humano, justo e prestativo sempre cooperou com os menos favorecidos, constituindo-se em pessoa admirada e bem quista.

**LEI N.º 1405, DE 11 DE NOVEMBRO DE 1955**

Dá o nome de "Manuel Dias da Silva" a uma avenida da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada MANUEL DIAS DA SILVA a Avenida 1 do Jardim "São José", que tem início na Rua Lauro Sodré.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário

Paço Municipal de Campinas, aos 11 de novembro de 1955.

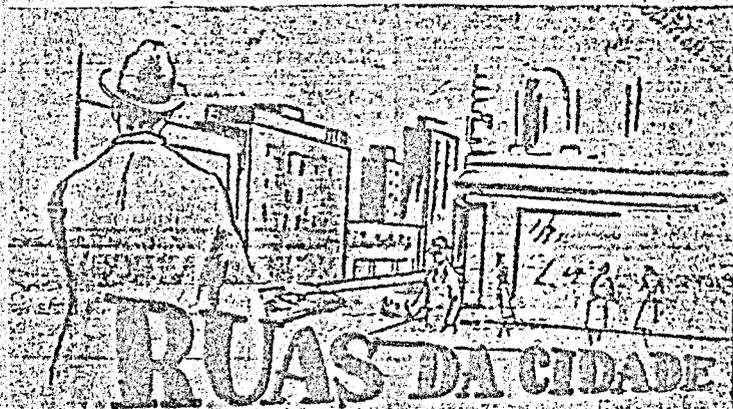
(a.) — *A. MENDONÇA DE BARROS*, Prefeito Municipal.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 11 de novembro de 1955.

O Diretor (a.) — *Admar Maia*.

"Diário do Povo"

20-3-56



MANOEL DIAS DA SILVA — Avenida

Começa na rua General Laura Sodré, no JARDIM S. JOSE, no Bairro da Vila Industrial.

A denominação foi dada pela Lei n.º 1.405 de 11 de novembro de 1953. Tem metros de largura.

Dados Biográficos: — Manoel Dias da Silva nasceu em 11 de maio de 1862, na cidade de Valongo, no Porto em Portugal, e faleceu aqui em Campinas em 21 de fevereiro de 1954. Era filho de Joaquim Dias da Silva e de dona Maria André dos Santos.

Português de nascimento, mas brasileiro de coração, veio para o Brasil em 1895, radicando-se, desde então, no Bairro da Vila Industrial que naquela época apenas tinha as oficinas da Companhia Mogiana. Da Vila nunca saiu. Dispôs de um imóvel seu a título gratuito para a instalação da primeira escola com que o bairro contou e mais tarde cooperou para a construção do 5.º grupo escolar. Foi em sua casa que também se instalou a primeira capela do bairro, mais tarde substituída pela Matriz de S. José.

Modesto, humilde, jamais poderia supor que o seu nome seria perpetuado em uma avenida do bairro que ele viu crescer e que amou. No dizer dos outros, a Vila Industrial era a menção dos seus olhos.

Por quase seis décadas, a sombra da Matriz de São José, outrora capela, ele e seus irmãos Augusto, Alberto, e Belmiro, tudo fizeram pelo progresso da terra que os hospedou.

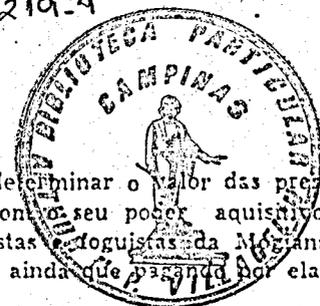
Querida ao Brasil, a Campinas e à sua Vila Industrial, tanto quanto aos seus filhos.

Nas suas palavras eram de gratidão à sua nova Pátria, o Brasil, sempre incutindo o amor a esta grande e querida Pátria, em cujo futuro ele tanto confiava.

Condoído com a situação dos menos favorecidos, tão logo pôde, fez construir, no seu bairro, um núcleo residencial. Estas casas, do tipo popular, ele as vendeu aos empregados da Mogiana e Paulista, para pagamento em pequenas parcelas que não iam além de um módico aluguel.

Alô — Malta Guimarães

Prof. E. M. Ziani
de Campinas



O Beco Manoel Dias fica no bairro mais antigo de Campinas, a Vila Industrial. Ocupa todo um quarteirão, entre a avenida Sales de Oliveira e a Rua 24 de Maio. Para quem não conhece a região, pode passar despercebido. Porém, duas características fazem dele um lugar especial: A primeira delas: ele se formou no princípio do século e possui casas com mais de setenta anos. A segunda: tem os aluguéis mais baratos da cidade; habitações pelas quais os moradores pagam 250 cruzeiros mensais chegam a custar, em outras áreas, mil cruzeiros.

As casas do Beco — são trinta — foram construídas pelo português Manoel Dias da Silva a partir de 1902, quando a urbanização da cidade estava praticamente se iniciando. Embora o bairro tenha hoje a denominação de Vila Industrial, não havia indústrias; os cortumes que atualmente funcionam na área, foram instalados após a primeira guerra mundial. Havia apenas a estação da então Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que se encontra ainda no mesmo local, ao lado da avenida Sales de Oliveira.

Manoel Dias construía as casas e vendia para quem quisesse ou pudesse comprar. Tinha três irmãos — Augusto, Alberto e Belmiro Dias da Silva — que faziam o mesmo. Os quatro emigraram do Porto no final do século passado e pertenciam a uma família de agricultores. Eram onze filhos (quatro homens e sete mulheres) e a situação econômica era má; a maior parte das terras havia sido hipotecada.

Esperança

Augusto foi o primeiro a chegar. Manoel veio logo depois. E, em seguida, os outros dois. Montaram um serviço de transporte por carroças e após algum tempo puderam adquirir alguns terrenos na área onde a Mogiana instalava sua estação. Tiveram sorte. A companhia comprou os lotes e pagou preço bom, o que permitiu aos quatro irmãos acumular o capital inicial.

As primeiras casas foram construídas lentamente. Eram pequenas e muitas delas ainda estão de pé no Beco Manoel Dias. Possuem quatro cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha. O banheiro fica nos fundos, fora do imóvel. O progresso foi-lhes acrescentando, depois as redes de esgoto e a luz elétrica. E hoje quase todas têm antenas de televisão penduradas em seus telhados.

Algumas moradias foram feitas sob encomenda. Mas várias delas eram negociadas só depois de concluídas. Mesmo com aqueles cuja capacidade financeira não aparentasse ser suficientemente elevada. "Quer comprar?", perguntava um dos irmãos Dias. "Mas não tenho dinheiro", respondia o possível comprador. "Não tem importância, a gente acerta depois". As vendas eram controladas por cadernetas iguais às que se utilizam atualmente nos pequenos armazéns e mercearias. E os com-

pradores podiam, as vezes, determinar o valor das prestações a pagar, de acordo com o seu poder aquisitivo. Isso permitiu que maquinistas e foguistas da Mogiana tivessem suas casas próprias, ainda que passadas por elas durante vários anos.

"Naquele tempo, havia mais confiança". José Moreira Dias, sobrinho dos quatro irmãos e atualmente com 77 anos, recorda com nostalgia "aquela época em que o companheirismo era maior". E lamenta que hoje, tudo tenha de ser feito "na ponta do lápis", com despesas muito maiores. "Agora, quem pode comprar casa própria se até o aluguel de uma casinha mixuruca come o salário-mínimo inteiro?"

O objetivo dos irmãos Dias, entretanto, não era construir um núcleo habitacional popular, no sentido que se dá atualmente a esta expressão. Não havia planejamento (nem mesmo urbano) e o Beco Manoel Dias é um exemplo disso com suas casas sem localização exata e que, às vezes, parecem amontoar-se umas às outras.

"Mas posso dizer que a maioria delas é bem melhor que essas habitações da Cohab", garante José Moreira Dias. "As moradas de hoje parecem ser feitas de papelão, mas essas de 40 ou 50 anos atrás têm muito tijolo e cimento nas paredes; tanto é que ainda permanecem firmes, de pé". Os irmãos Dias, segundo José, usavam material de construção de boa qualidade, "ao contrário de algumas construtoras de agora...".

Além da Vila Industrial, os quatro irmãos levantaram casas em outros pontos da cidade: algumas na atual avenida João Jorge, outras na Rua General Osório (que fica no centro de Campinas). No início, trabalhavam diretamente na construção, como pedreiros, auxiliados por parentes que iam saindo de Portugal para o Brasil. Depois, puderam contratar mão-de-obra operária.

O empreendimento durou cerca de quarenta anos. Só depois de velhos, sentindo-se cansados, os Dias da Silva deixaram de construir habitações, mas já com a vida estabilizada. Na Vila Industrial, diz José Moreira, "é mais fácil dizer quais casas não foram feitas por eles". E também igrejas, pois a primeira capela do bairro foi levantada pelos irmãos.

Dos quatro, atualmente, não resta nenhum. O último, Belmiro, morreu há dois anos, deixando casas para os seus dezessete sobrinhos. E da família de onze irmãos, a única viva é Carolina Dias, de 98 anos. Está doente, "mas ainda lúcida" segundo José Moreira.

Somente Manoel Dias, entre os homens, se casou. Teve cinco filhos e adotou mais dois. Emílio Dias é um deles. Tem 75 anos e mora na casa n.º 63 do Beco que leva o nome do padasto. Quinze dos imóveis existentes no local são seus; os outros pertencem aos irmãos.

Os inquilinos não se queixam muito. Alguns residem no local há quarenta anos e não querem se mudar, "pois o lugar é bom e o aluguel é baixo". E entre os que adquiriram imóveis dos quatro irmãos, há pessoas que ainda não possuem a escritura de compra e venda, embora sejam proprietários de fato. Prova de que a "confiança" ainda não morreu?

Os Dias da Silva e seus descendentes — quase todos no Brasil — também se consideram satisfeitos. Com os investimentos e lucros dos quatro irmãos, puderam reaver as terras hipotecadas e atravessar várias vezes o Atlântico.

Alguns foram estudar na Europa e outros visitaram o revisitaram Portugal. Hoje, por causa disso, José Moreira Dias acha que "o Brasil é um país abençoado por Deus..."

(Extraído do Suplemento de domingo do jornal "Correio Popular" de 31-julho-1977).